

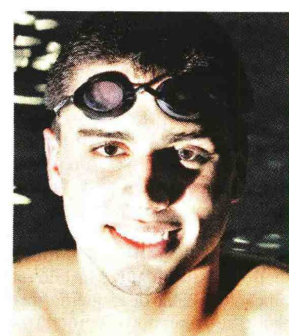
Escolhas

DEZ NOMES QUE VÃO DAR QUE FALAR EM 2010

A convite do DN, dez personalidades com larga experiência profissional definem, para as respectivas áreas, quem os portugueses devem seguir com atenção no novo ano. Da política à arte, conheça uma nova geração que tenta deixar a sua marca no País



JOÃO GIRÃO





Laura Abreu Cravo

"SEMPRE QUIS DOMINAR O MUNDO"

Aprimora-se nas frases definitivas, como quem segue Agustina. Mas 'make no mistake': ela faz o seu caminho. Entre fusões e aquisições, Tolstoi e Louboutins. E a política, talvez

✎ FERNANDA CÂNCIO

Tem 30 anos feitos em Novembro mas é fácil dar-lhe menos. Uma menina – na estatura, nos gestos e voz metuculosos, no rosto arrebitado. Uma menina que escolheu na advocacia o ramo dos negócios, do direito “financeiro”, envolvendo operações de emissão de dívida, emissão de valores imobiliários, compras e vendas de sociedades, OPA, fusões e aquisições, e que se admite que já lhe disseram “olha tão nova”, nunca sentiu “aquela coisa: olha uma mulher neste mundo”. Há muitas mulheres nos escritórios de advogados e nesta área, garante, e é sobretudo a atitude das pessoas que importa: “Nunca fui apresentada como ‘uma pessoa mais nova que veio ver’ – e se as pessoas que trabalham contigo não passarem essa imagem mais ninguém se atreverá a fazê-lo.”

Agora na Rui Pena, Arnaut & Associados, onde entrou em 2008 como associada tendo passado en-

tretando a associada principal, a madeirense Laura (nasceu no Funchal e os pais, a representante da TAP no arquipélago e um comerciante de material de escritório vivem lá) teve o grosso da sua experiência profissional, de 2002 a 2008, no escritório de José António Pinto Ribeiro, ministro da Cultura do último governo socialista e uma sua clara referência profissional e pessoal. “Tive a enorme sorte de me cruzar com ele. Ensinou-me o que deve ser um advogado: alguém que percebe muito mais que de contratos, que tem consciência social, alguém muito muito rigoroso – e se for muito muito bom, coisa que espero conseguir ser daqui a alguns anos, pode ser simultaneamente muito rigoroso e criativo.”

A escolha da área no Direito começou por ser um acaso, até porque o que a levou a escolher o curso foi, não nega, o universo épico das séries de TV americanas, com as suas grandiosas contendas em tribunal. “Quando entrei na faculda-

de percebi que não tinha nada a ver com aquilo. Percebes nitidamente que te estão a preparar para um raciocínio jurídico que não tem nada a ver com aquelas séries. O que se discute nos tribunais portugueses é sobretudo direito, não tem muito a ver com a realidade, com os factos.” Acabou por só ter contacto com tribunais no estágio e por começar a trabalhar no tipo de processos que agora é a sua especialidade. “Negoceio e estrutura financiamentos, faço operações de emissão de dívida, emissão de valores imobiliários, compras e vendas de sociedades, OPA, fusões e aquisições. É muito interessante e gratificante sobretudo porque permite ter uma visão do Direito que permite resultados que se podem aferir até em termos da dinamização da economia.” Outro aspecto positivo é, diz, “uma visão dos clientes que vai para além da visão confessional tradicional associada aos advogados: isto permite vê-los como parceiros. Gosto de entrar no negócio do cliente, conhecer-lhe os objectivos, o que ele quer fazer e que espera que o negócio lhe traga.” Para tanto, Laura, a advogada, tem de ser também um pouco Laura, a economista. “Fui ganhando noções de áreas de negócio – sempre que tenho uma transacção numa área, vou estudar sobre ela.”



JOSÉ MIGUEL JÚDICE: UM ADVOGADO SÓ ADVOGADO É POUCA COISA

— Sócio daquele que é apontado como um dos maiores e mais importantes escritórios portugueses, a PLMJ (A.M. Pereira, Saragga Leal, Oliveira Martins e Júdice e Associados), o ex-bastanário José Miguel Júdice não quis escolher como “esperança” um nome de alguém que trabalhe perto de si e acabou por designar uma pessoa que nem conhece pessoalmente. “Há muita gente nova de grande qualidade no meu escritório mas naturalmente não ia escolher entre as pessoas que trabalham comigo. Quis puxar por alguém de um escritório mais pequeno, menos conhecido, é importante que não se fale só dos grandes e dos famosos.” Assim, confessa, indagou e “o nome que surgiu foi o da Laura Abreu Cravo, da Rui Pena, Arnaut e Associados, não só porque me disseram que é excelente advogada mas porque não é apenas advogada, tem um blogue, tem intervenção cívica. Um advogado que é apenas advogado é pouca coisa.” Júdice, que já teve intervenção na política activa



(aliás, desde a faculdade, onde era o líder da extrema-direita) como dirigente do PSD nos anos oitenta, mantém uma forte presença na esfera pública, não se furtando a comentar assuntos de actualidade se chamado para tal ou de tomar posições públicas, não raro polémicas, sobre variados assuntos, do aborto ao ordenamento urbano, passando pelo caso das ‘escutas’ de Belém. É actualmente colunista do *Público* e recentemente participou com António Barreto um programa de comentário político na SIC Notícias. Nomeado durante o anterior governo para presidir à Frente Tejo para a requalificação da zona ribeirinha de Lisboa, abandonaria em 2008 o projecto.



GONCALO VILLAVEIDE

INFLEXÍVEL
Laura Abreu Cravo diz que os "princípios essenciais" não podem ser negociados e que tem obrigação de lutar pelo bem.

A este interesse não escapou, naturalmente, a crise económico-financeira actual e a tentativa de lhe compreender as causas – afinal, os produtos financeiros que estão na base do descalabro também tiveram estruturação jurídica. "Não sei se o problema estava na estruturação jurídica e financeira dos produtos, parece-me mais que houve um excesso de alavancagem dos mercados, e sobretudo um problema comportamental, cujo resultado deverá ser uma maior regulamentação e um desincentivo do risco." Apesar de se descrever como liberal de direita e de considerar que o Estado se não deve "imiscuir na economia e intrometer-se no que é privado" Laura defende que "deve regular o que tem de ser regulado", e assume o seu lado democrata-cristão, "mais que social democrata" (tem "uma ligação histórica ao PSD") no facto de "haver um lado assistencialista do Estado do qual não abro mão: o meu liberalismo económico não consentiria em tempo algum um sistema de saúde como o americano, por exemplo".

Blogger desde 2005, com um blogue pessoal – Mel com Cicuta – e participação no colectivo 31 da Armada – assim como columnist regular da extinta revista *Atlântico*, Laura, que casou recentemente com o também blogger e deputado in-

dependente pelo PS João Galamba, é uma voz política com inflexões interessantes. Católica, determinada opositora da legalização do aborto e das quotas ("São desnecessárias, paternalistas e infantilizadoras da mulher"), defende o casamento das pessoas do mesmo sexo e a adopção por casais de homossexuais. "Acho que as pessoas devem ser absolutamente inflexíveis em relação aos princípios que consideram essenciais."

Quanto a ambições políticas, ironiza. "Sendo o quê, ambições políticas? Eu sempre quis dominar o mundo." Faz pausa para o riso. "Quererei ter um papel político activo se houver um projecto que m interesse e entusiasme, coisa que não sucede há muito tempo." Das capacidades não parece duvidar, ainda que num registo humorístico. "Acho que os outros se queixam muito em mim da eloquência, da capacidade de argumentação." Culpa o território: "A minha faculdade [a de Direito da Clássica, onde se licenciou em 2002] tinha muitas provas orais – daí vem muita da capacidade argumentativa dos advogados, a confrontação que te obriga a tornares-te mais sólido. O que tem ver com ter muito medo e a obrigares-te a enfrentá-

lo, a não ter dificuldade nenhuma em falar em público seja qual for o público." Ainda assim, confessa lidar mal com o excesso de atenção – "Angustia-me" – e garante que apesar de se reconhecer uma pessoa com quem é "difícil lidar", por outras razões que não as que advêm do estereótipo filha única ("Conheço muitos filhos únicos que são pessoas abnegadas"), não lhe custa ceder e admitir que está errada (se lho provarem, presume-se, e talvez esteja aí o buslís).

Mais? O valor da estética – "quase moral" –, a tentativa de "perceber o mundo" e a obrigação, pessoal e profissional, de lutar por aquilo que se crê o bem, "jantares à volta de mesas grandes e com muita gente para discutir coisas para fazer um enorme granel, viajar (*clické*), comprar sapatos (faz

parte da minha existência num patamar quase religioso) e ler – sobretudo romances (o estilo ensaístico não me atrai, deve ser vício de forma). Quando estou a ler uma coisa qualquer que Tolstoi escreveu estou naquele universo de referência. É por isso que gosto mais de livros que de filmes, porque os filmes se impõem, fazem de nós meros assistentes". E não, a Laura não quer só assistir.

DIOGO DUARTE CAMPOS

ADVOGADO

Enviou o currículo e entrou

✎ Foi o primeiro estagiário do escritório portuense da PLMJ, acabado ele de sair da Universidade de Coimbra e o escritório a estrear. "Candidatei-me enviando um currículo – em bom português, não tinha cunha – e entrei. A nota final, mais de 16, e a "participação cívica" (era membro de uma juventude partidária, comentador político e membro de associações) terão sido determinantes. Oito anos depois, lá permanece, nas áreas de contencioso e Direito público – que, diz, "tem sobretudo a ver contratação pública e se resume a dar apoio a entidades públicas quando lançam concursos e a entidades privadas em concursos lançados pela administração pública". A escolha teve a ver com a prática – à época eram iniciadas as concessões rodoviárias pelo Governo Guterres – mas também com o facto de ter efectuado a tese de mestrado sobre as parcerias público-privado.

CÉLIA VIEIRA DE FREITAS

ADVOGADA

Participa em grandes negócios

✎ Fez parte da primeira turma da Faculdade de Direito da Nova, que abriu em 1997. "Escolhi Direito porque sempre gostei muito da área de humanidades." Entrando com quase 18 valores de média, terá mantido a *performance* de forma a conseguir estágio na sede da PLMJ. Especializou-se em direito *corporate*, comercial e societário. "No estágio trabalhávamos com todos os departamentos e na segunda fase escolhíamos e fiquei no trabalho, que era a área de que gostara mais na faculdade, e no societário. Acabei por perceber que tinha mais afinidade no societário." Sobre a ideia de sucesso, ri: "Não sei como responder, mas tenho ideia de que o facto de trabalhar no maior escritório português me permite ter acumulado nestes sete anos uma experiência muito importante na minha área, porque participei em grandes negócios não só a nível nacional como internacional."